

**mudanças climáticas, apuração jornalística e desinformação:
a cobertura dos alagamentos em vitória da conquista, bahia**

**climate change, investigative journalism, and misinformation:
coverage of the floods in vitória da conquista, bahia**

Carmen Regina de Oliveira Carvalho

Professora do curso de Jornalismo

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Vitória da Conquista, BA

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0724-0037>

Karina Costa Andrade

Jornalista, Sócia e diretora

Instituto Conquista Repórter de Comunicação e Cultura

Vitória da Conquista, BA

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-8517-7269>

Arthur Vitor França Silva

Graduando em Jornalismo

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Vitória da Conquista, BA

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6216-2971>

Rian Borges

Graduando em Jornalismo

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Vitória da Conquista, BA

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8956-6511>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17503673>

Resumo: Este relato de experiência descreve a cobertura jornalística sobre os alagamentos e inundações ocorridos em Vitória da Conquista (BA), realizada por estudantes de Jornalismo da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) vinculados ao Programa de Extensão Jornalismo de Transformação Social no Combate à Desinformação. A matéria, publicada no site *Avoador* (avoador.com.br), teve como foco principal abordar os impactos ambientais e sociais provocados pelos eventos extremos na cidade, associando-os ao debate mais amplo sobre as mudanças climáticas. Ao longo do processo de produção, os discentes foram orientados a aplicar técnicas de apuração, verificação e análise de dados, com ênfase na checagem de informações e no enfrentamento à desinformação ambiental. A experiência integrou práticas de jornalismo investigativo com princípios da educação climática e midiática, fortalecendo a formação crítica e técnica dos estudantes.

Além de contribuir para o debate público sobre os efeitos das chuvas intensas e a ausência de políticas de prevenção, a cobertura permitiu aos participantes desenvolver habilidades jornalísticas essenciais, como uso de bases de dados oficiais, entrevistas com especialistas e interpretação de conteúdos científicos. O trabalho reforça a relevância do jornalismo como instrumento de mediação qualificada entre ciência, sociedade e poder público, especialmente em contextos marcados pela desinformação e pela emergência climática.

Palavras-chave: (1) Jornalismo ambiental; (2) Mudanças climáticas; (3) Desinformação; (4) Apuração com dados; (5) Extensão universitária.

Abstract: This experience report describes the journalistic coverage of the floods and inundations that occurred in Vitória da Conquista (BA), carried out by Journalism students from UESB (Southwest State University of Bahia) linked to the Social Transformation Journalism Extension Program in Combating Disinformation. The article, published on the *Avoador* website (avoador.com.br), focused primarily on addressing the environmental and social impacts caused by extreme events in the city, linking them to the broader debate on climate change. Throughout the production process, students were guided in applying data collection, verification, and analysis techniques, with an emphasis on fact-checking and combating environmental misinformation. The experience integrated investigative journalism practices with principles of climate and media literacy, strengthening students' critical and technical skills. In addition to contributing to the public debate on the effects of heavy rainfall and the lack of prevention policies, the coverage allowed participants to develop essential journalistic skills, such as the use of official databases, interviews with experts, and the interpretation of scientific content. The work reinforces the relevance of journalism as a tool for qualified mediation between science, society, and government, especially in contexts marked by misinformation and the climate emergency.

Keywords: (1) Environmental journalism; (2) Climate change; (3) Disinformation; (4) Data collection; (5) University extension.

Introdução

Este trabalho pretende analisar a produção de uma reportagem investigativa sobre os impactos das chuvas em Vitória da Conquista, desenvolvida no âmbito do Programa de Extensão Jornalismo como Forma de Transformação Social, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Como objeto de estudo, foca-se no processo de construção da reportagem sobre alagamentos e inundações da terceira maior cidade da Bahia, apresentando as etapas de apuração, redação, edição e circulação do conteúdo.

A proposta parte da compreensão do jornalismo como forma de conhecimento social (GENRO FILHO 2012; MEDITSCH 1998; CARVALHO 2018, 2021) e da urgência de práticas jornalísticas comprometidas com a responsabilidade social e com a mediação crítica dos fenômenos ambientais. Essa abordagem é especialmente pertinente na cobertura de temas ambientais, em que os eventos locais (como enchentes urbanas) devem ser conectados a processos estruturais maiores, como o modelo de urbanização, a desigualdade social e as mudanças climáticas globais. O jornalismo ambiental, segundo autores como Bueno (2007), Nascimento & Leão (2017) e Belmonte (2007), deve ir além da mera descrição dos fatos, atuando como ferramenta de denúncia, educação e mobilização cidadã.

Em relação à metodologia, este trabalho é de natureza qualitativa e descritiva, sendo desenvolvido na forma de relato de experiência pela docente coordenadora, pelos estudantes e uma técnica de laboratório, os quais estiveram envolvidos na produção de uma reportagem investigativa com a temática do meio ambiente no âmbito do Programa de Extensão *Jornalismo como Forma de Transformação Social no Combate à Desinformação*, da UESB. A abordagem adotada permite refletir sobre práticas concretas e as articulações entre teoria e realidade, reconhecendo, conforme Córdula & Nascimento (2018), que o conhecimento se constrói tanto pelo saber acadêmico quanto pelas experiências socioculturais vividas no campo da extensão.

Como procedimentos de pesquisa, foram analisados os registros elaborados pela equipe: o diário de campo da professora coordenadora, com decisões e orientações metodológicas; as conversas registradas entre o estudante editor e as repórteres, que documentaram o processo de apuração em um grupo de *Whatsapp*; e o documento colaborativo no *Google Docs*, onde se acompanharam as versões e correções da reportagem. Esses materiais serviram de base para uma análise descritivo-analítica do processo, permitindo compreender a dinâmica coletiva de trabalho, as dificuldades enfrentadas e as aprendizagens construídas na prática jornalística e extensionista.

Como resultado, o trabalho defende que a produção da reportagem investigativa possibilitou aos estudantes uma experiência prática de aplicação dos conceitos norteadores do programa de extensão, como o jornalismo enquanto um conhecimento social que deve entrelaçar a teoria, o primor técnico, a responsabilidade sociais à ética e a uma problemática de caráter global que impacta o território local. Ao mesmo tempo, a experiência propiciou à população do município ampliar a compreensão sobre um acontecimento que há anos se repete na cidade de Vitória da Conquista. Trata-se, portanto, de uma reflexão sobre a potência do jornalismo como prática transformadora, capaz de produzir sentido formativo, gerar debate público e fomentar uma consciência crítica frente às problemáticas ambientais e sociais contemporâneas.

Jornalismo enquanto conhecimento e as mudanças climáticas

Em meio à crise climática, o jornalismo desempenha um papel fundamental para esclarecer a população sobre a destruição do meio ambiente, que pode levar ao final da história do ser humano no planeta Terra. Além de informar pontualmente sobre os acontecimentos, é preciso ir além, mostrar as causas e consequências dos fenômenos socioambientais, especialmente neste momento histórico.

Nesse sentido, o jornalismo deve interpretar, mediar e traduzir a complexidade do real, como um conhecimento social, um saber que reflete sobre os saberes disponíveis, reprocessando-os com base em critérios de relevância pública, responsabilidade e ética (GENRO FILHO 2012; MEDITSCH 1998; CARVALHO 2018, 2021). A prática jornalística deve buscar apresentar um relato socialmente situado, fundamentado em métodos de verificação, análise crítica e compromisso com a verdade, o que inclui, nesse processo, as questões relacionadas à existência da natureza, a qual o ser humano faz parte.

A teoria desenvolvida por Adelmo Genro Filho (2012), popularizada por Eduardo Meditsch (1998) e ratificada por Carvalho (2018; 2021), propõe que o jornalismo exerça um papel epistêmico, que vai além da simples reprodução de fatos. A partir da perspectiva marxista, Genro Filho defende que o jornalismo é uma forma social de conhecimento, que opera no âmbito da lógica do senso comum, mas não se limita a ele. Sua apuração do fato social, a infraestrutura de produção, a linguagem e a distribuição do conteúdo constroem uma modalidade própria de conhecimento, desenvolvida a partir da notícia. Segundo o autor, “... no jornalismo, ao contrário, a imediatividade é o ponto de chegada, o resultado de todo um processo técnico racional que envolve uma produção simbólica” (GENRO FILHO 2012: 52). A notícia, enquanto mediação da realidade imediata centrada no singular, deve incluir também as categorias do particular e do universal, conforme a tradição da filosofia alemã.

Essas três categorias, ao serem articuladas juntas, tornam o conteúdo jornalístico mais completo. A dimensão do singular (o fato empírico) refere-se ao acontecimento específico, o fato em si, o elemento noticioso individualizado. O particular (as forças sociais em jogo) situa esse fato em uma série, em um padrão reconhecível, conectando-o a outras ocorrências similares. Já o universal (as estruturas históricas) é o campo da estrutura social, do valor coletivo, das ideias que organizam a vida social e política. Quando o jornalismo opera nessas três instâncias ele favorece o entendimento crítico da realidade, com suas causas e consequências. Essa abordagem distancia o jornalismo da simples função descritiva e o aproxima de um campo de produção de saber sobre o mundo.

Embora o foco teórico de Genro Filho esteja na notícia, seus princípios se estendem à reportagem, uma vez que esta aprofunda o processo cognitivo do jornalismo. A reportagem amplia a mediação do real ao articular investigação, análise e contextualização, permitindo que o conhecimento produzido ultrapasse o registro imediato dos fatos e revele as causas, conexões e significados subjacentes a eles. Assim, tanto a notícia quanto a reportagem são expressões de uma mesma função cognitiva do jornalismo — a de produzir conhecimento social sobre a realidade concreta.

O entendimento do jornalismo como uma forma de conhecimento (GENRO FILHO 2012) eleva a sua responsabilidade e o posiciona como mediador entre os acontecimentos e a população, seu público. Passa a ser uma prática que constrói sentido a partir do presente e em linguagem acessível, produzindo um saber distinto da ciência, mas igualmente relevante (GENRO 2012; MEDITSCH 1998; CARVALHO 2018). O jornalismo, nesse sentido, realiza uma mediação entre o conhecimento especializado e o público, traduzindo e contextualizando informações complexas (MEDITSCH 1998).

Ao apresentar os fatos dessa forma, conectada a contextos e estruturas, o jornalismo atua como mediador entre o acontecimento e a sua compreensão pública. Oferece, assim, uma leitura crítica e socialmente comprometida com a realidade. Essa prática, inicialmente pensada por Genro Filho (2012) para a notícia, pode ser melhor desenvolvida em reportagens, quando há mais tempo de apuração, investigação, checagem, escuta e escrita da narrativa. Até mesmo em suas ramificações e especializações — como o jornalismo científico, o jornalismo de dados ou o jornalismo ambiental — essa função epistemológica deve ser preservada. É nesse ponto que entra o compromisso com a responsabilidade social e com a veracidade dos fatos.

O jornalismo como forma de conhecimento deve ser um jornalismo ético, crítico e com responsabilidade social. A especialização ambiental reforça essa missão, pois evidencia que informar sobre o meio ambiente é também informar sobre desigualdades, políticas públicas, disputas

econômicas e direitos humanos. O compromisso com os fatos, com o interesse público e com a construção de sentidos complexos deve permanecer como pilar inegociável do fazer jornalístico — em qualquer área.

Jornalismo ambiental: desenvolvimento e conceito

O jornalismo ambiental emergiu no Brasil como resposta à crescente conscientização sobre as crises ecológicas e à necessidade de uma cobertura jornalística capaz de traduzir temas complexos da relação entre sociedade e natureza. Mais do que uma especialização temática, ele representa uma forma de conhecimento social, voltada à construção de sentidos sobre o meio ambiente e à mediação entre ciência, política e cidadania.

Seu desenvolvimento acompanha as transformações históricas e culturais do país. Conforme Belmonte (2017), o jornalismo ambiental tem raízes no jornalismo científico de resistência praticado durante a ditadura militar, quando repórteres buscavam alternativas para informar sobre os impactos do modelo de desenvolvimento e as contradições da modernização brasileira. A censura e o controle da informação impostos pelo regime levaram muitos profissionais a transformar a cobertura científica em espaço de crítica social, abrindo caminho para um jornalismo voltado à reflexão sobre sustentabilidade e justiça ambiental.

Até a década de 1980, o jornalismo ambiental era considerado uma subárea do jornalismo científico, mas, a partir do Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente, realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) em 1989, consolidou-se como campo autônomo. O evento preparou profissionais para a cobertura da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92), marco que impulsionou a formação de redes e grupos de pesquisa e ampliou o espaço da pauta ambiental na mídia brasileira (BELMONTE 2017).

A base teórica sobre o jornalismo ambiental ainda é recente e multifacetada. Segundo Girardi et al. (2012), ele constitui um tipo de jornalismo especializado, articulado às demandas socioambientais contemporâneas e voltado à promoção de debates públicos sobre sustentabilidade. Para Bueno (2007), trata-se de um jornalismo engajado e militante, comprometido com a mudança de paradigmas, a investigação das causas estruturais e a denúncia dos fatores políticos e econômicos que agravam a degradação ambiental. Nessa mesma linha, Nascimento e Leão (2017) afirmam que o jornalismo ambiental deve superar a armadilha da neutralidade, assumindo uma postura crítica e propositiva, que reconheça a dimensão ética da comunicação e contribua para a transformação social.

De acordo com Belmonte (2017), a cobertura ambiental no Brasil tem se deslocado da simples notificação de fatos para uma prática analítica, que busca compreender as causas e consequências dos problemas ambientais e revelar as disputas e interesses em torno da natureza. Esse jornalismo atua como mediação democrática entre o conhecimento científico, o poder público e a sociedade, promovendo uma leitura crítica do mundo e incentivando a participação cidadã.

No contexto das mudanças climáticas, essa prática ganha novos desafios e sentidos. Loose & Belmonte (2024) argumenta que a percepção dos riscos climáticos é profundamente desigual, influenciada por fatores econômicos, culturais e de gênero, e que comunicar esses riscos de forma empática e participativa é essencial para fortalecer a governança e a prevenção de desastres. Já Angelo (2024) alerta para os riscos do negacionismo climático, intensificado pelas redes sociais e pela polarização política, defendendo que o jornalismo precisa adotar estratégias comunicacionais mais diretas, acessíveis e éticas, capazes de enfrentar a desinformação e reafirmar a importância da ciência no debate público.

Dessa forma, o jornalismo ambiental contemporâneo assume uma função estratégica de educação midiática ambiental e mobilização cidadã, indo além da cobertura episódica de tragédias e números alarmantes. Cabe a ele revelar as estruturas históricas e políticas que moldam a crise ambiental, identificar responsabilidades, questionar políticas públicas e apresentar alternativas viáveis.

Nessa perspectiva, o jornalismo ambiental materializa o que Genro Filho (2012) define como o jornalismo enquanto forma de conhecimento, pois transforma acontecimentos singulares — como enchentes, queimadas ou desastres — em compreensões coletivas que articulam o particular (as causas locais e sociais) e o universal (os processos estruturais que sustentam a crise climática). Ao mediar o conhecimento científico e o cotidiano social, ele não apenas informa, mas produz conhecimento socialmente significativo, capaz de ampliar a consciência pública sobre os impactos ambientais e fomentar práticas voltadas à sustentabilidade, à justiça ambiental e à preservação da vida no planeta.

Programa *Jornalismo como Forma de Transformação Social*: extensão universitária

Com o intuito de produzir jornalismo aprofundado sobre os acontecimentos de Vitória da Conquista e do território de identidade do Sudoeste da Bahia, foi aprovado no Edital de Extensão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no segundo semestre de 2019, o projeto de extensão *Jornalismo como Forma de Transformação Social*. No ano seguinte, durante a pandemia, o projeto foi cadastrado com a inclusão da expressão “no combate à desinformação”, evidenciando seu compromisso

com a responsabilidade social e o rigor técnico, fundamentos centrais do jornalismo enquanto forma de conhecimento (GENRO FILHO 2012; MEDITSCH 2008; CARVALHO 2018; 2021).

Desde o início, o *Site Avoador* (avoador.com.br) faz parte da ação extensionista como veículo de jornalismo independente, responsável por dar suporte às produções realizadas no programa. Criado em 2016, na disciplina de Jornalismo Digital, que atualmente está dividida em Jornalismo na Internet I e II, o *Site Avoador* nasceu da necessidade de produzir conteúdo jornalístico local qualificado. Essa proposta concretiza o que Meditsch (1998) define como uma mediação entre o conhecimento especializado e o senso comum, através da linguagem acessível e do compromisso com a contextualização dos fatos.

A integração do site ao projeto fortaleceu o vínculo entre ensino e extensão, possibilitando a realização de coberturas jornalísticas simultâneas sobre temáticas diversas pelos estudantes matriculados nas disciplinas e pelos bolsistas. Entre 2016 e 2024, foram realizadas 15 coberturas jornalísticas por meio do *Site Avoador*, sendo 10 delas vinculadas diretamente ao programa extensionista. Entre as experiências mais relevantes estão a cobertura jornalística da pandemia de Covid-19, entre abril de 2020 e julho de 2022 (CARVALHO 2021), e as eleições municipais e nacionais de 2018 (SITE AVOADOR 2018), 2020 (SITE AVOADOR 2020), 2022 (AMARAL; SANTOS & CARVALHO 2023) e 2024 (CARVALHO et al. 2025). Todas essas coberturas refletem a tentativa de compreender o fato singular, interpretá-lo no contexto particular e vinculá-lo às estruturas universais, como propõe a epistemologia do jornalismo defendida por Genro Filho (2012).

Inicialmente, o foco do programa era a produção de conteúdo jornalístico, como reportagens, notícias e artigos opinativos, incluindo a checagem de fatos como estratégia para o combate à desinformação local. A partir de 2021, passou também a desenvolver ações de educação midiática e letramento digital, com a produção de materiais educativos em texto, vídeo e formatos visuais para redes sociais e site.

As atividades são desenvolvidas com base na perspectiva teórica do jornalismo como forma de conhecimento social, capaz de gerar transformação por meio da compreensão das causas e consequências dos fenômenos sociais, políticos e ambientais. Essa abordagem, ao combinar apuração rigorosa, análise crítica e responsabilidade ética, distancia-se do jornalismo meramente descritivo e aproxima-se de um fazer jornalístico comprometido com o interesse público (CARVALHO 2018; GENRO FILHO 2012).

A cada semestre, novas temáticas são incorporadas, conforme as demandas locais, regionais, nacionais e globais, o que tem permitido a experimentação de diferentes especializações jornalísticas, como o jornalismo investigativo, de dados, de checagem de fatos e, mais recentemente, o jornalismo ambiental. Esta última vertente tem ganhado

espaço no programa diante das urgências impostas pelas mudanças climáticas e pela necessidade de um jornalismo comprometido com a cidadania ecológica (BUENO 2007; NASCIMENTO & LEÃO 2017).

Na perspectiva do programa, as ações extensionistas têm papel essencial na missão da universidade pública, fortalecendo a articulação entre saberes acadêmicos e experiências comunitárias. Como defendem Canon & Pelegrinelli (2019), a extensão é uma via de mão dupla, que promove ensino e aprendizagem em tempo real. Ferreira & Costa reforçam que a extensão “... se dá pela oportunidade de vincular o conhecimento teórico discutido em sala de aula ao conhecimento prático semelhante ao mercado de trabalho” (FERREIRA & COSTA 2021: 207)

O esforço extensionista do *Programa Jornalismo como Forma de Transformação Social* busca, assim, transcender os limites da sala de aula, ampliar o entendimento dos acontecimentos locais e fomentar uma formação crítica tanto nos estudantes e técnicos envolvidos quanto nos públicos externos que são beneficiários das ações. Ao incorporar os princípios do jornalismo como conhecimento social e ético, o programa contribui para a democratização da informação e para o fortalecimento da cidadania no Sudoeste Baiano.

Relato de experiência

O presente relato descreve o processo de produção da reportagem investigativa sobre alagamentos e inundações em Vitória da Conquista (BA), realizada no âmbito do *Programa de Extensão Jornalismo como Forma de Transformação Social*, cuja redação do *Site Avoador* está localizada no Laboratório de Jornalismo, no campus da mesma cidade. A experiência envolveu a professora coordenadora, a técnica (jornalista contratada para atuar no setor) e cinco estudantes voluntários, e seguiu uma abordagem qualitativa e descritiva, fundamentada na observação direta, registros de campo dos envolvidos e versões colaborativas de texto.

Como parte do método, foram aplicadas duas perguntas aos repórteres, tendo como identificar aprendizagens e dificuldades vivenciadas durante o processo:

a) *O que você aprendeu sobre a prática jornalística e o jornalismo ambiental ao participar da reportagem?*

b) *Quais foram as principais dificuldades enfrentadas durante o processo de produção?*

Essas respostas, analisadas qualitativamente, complementam o material empírico apresentado e possibilitam compreender como o exercício jornalístico expressou, na prática, as concepções teóricas de jornalismo como forma de conhecimento e de jornalismo ambiental engajado

discutidas na primeira parte do artigo (GENRO FILHO 2012; MEDITSCH 2008; CARVALHO 2018; BELMONTE 2017; BUENO 2007; NASCIMENTO & LEÃO, 2017; LOOSE & BELMONTE 2024; ANGELO 2024).

1Pauta e divisão do trabalho

A reunião de pauta, realizada em 8 de maio de 2025, marcou o início do processo. A proposta surgiu da professora coordenadora, que orientou os estudantes a investigar as causas estruturais e as responsabilidades públicas relacionadas aos alagamentos e inundações em Vitória da Conquista, Bahia. Essa fase evidenciou a dimensão do jornalismo, no sentido proposto por Genro Filho (2012), segundo o qual o jornalismo é uma forma de conhecimento porque transforma os fatos singulares da realidade em compreensões de alcance coletivo e social.

A editoria foi assumida por Arthur Vitor França Silva, na época no terceiro semestre, e que também é autor deste trabalho, e a apuração conduzida pelas repórteres Lavínia Marinho, Letícia Vilasboas, Pedro Meireles & Sofia Rezende, todos recém-ingressos no curso de Jornalismo, no primeiro semestre). A definição de hipóteses, como inexistência de políticas de drenagem urbana e quanto isso agravava o problema, demonstrou o caráter investigativo e interpretativo da prática jornalística, em diálogo com Meditsch (2008), que entende o jornalismo como forma social de conhecimento, capaz de produzir explicações sobre o mundo por meio da prática cotidiana da notícia.

Levantamento e mapeamento de fontes

A primeira etapa da apuração consistiu em identificar como o tema era tratado pela mídia local, por meio da análise de matérias do site da Prefeitura de Conquista e de veículos jornalísticos, como *Band FM 99.1*, *Conquista Repórter*, *Rádio Clube Conquista* e *Jornal Conquista*. O levantamento revelou uma cobertura episódica e descontextualizada, o que reforçou o papel do jornalismo como mediador entre fato e explicação, conforme defende Belmonte (2017), para quem o jornalismo ambiental deve abandonar a simples rotina informativa e priorizar a análise crítica das causas e consequências.

Foram selecionadas fontes oficiais e comunitárias, como o secretário municipal de Infraestrutura Urbana, Jakson Yoshiura, e a Defesa Civil, porém não houve retorno institucional às solicitações de entrevista. Também foram contatadas lideranças de bairros afetados; dos dez contatos realizados, apenas três responderam. Essa dificuldade de acesso confirmou, na prática, o que apontam Bueno (2007) e Nascimento & Leão (2017): a urgência de um jornalismo propositivo e engajado, capaz de denunciar a falta de

transparência do poder público e de dar visibilidade às vozes sociais historicamente silenciadas.

Pesquisa de dados e triangulação de informações

Em meio à escassez de respostas oficiais, a professora coordenadora encaminhou à equipe a reportagem da *Agência Pública* (*“No Brasil, 3 a cada 4 vivem em municípios com mais risco de desastres causados por chuvas”*, da repórter Anna Beatriz Anjos, de 2024). Paralelamente, o editor Arthur Vitor localizou, após insistentes pesquisas no Google Acadêmico, o artigo científico *“Eventos pluviométricos extremos na cidade de Vitória da Conquista (BA) entre 1995 e 2015”* (MAIA; LIMA & PINTO 2015).

O contato com o autor Espedito Lima resultou em uma atualização inédita da pesquisa, com dados referentes a 2016-2023. Essa integração entre jornalismo e ciência foi reconhecida pelos repórteres como um marco de aprendizagem: *“Percebemos como o jornalismo pode dialogar com a pesquisa acadêmica para construir sentido e não apenas relatar fatos”*.

Os estudantes relataram ainda que essa interação com a ciência foi decisiva para compreender o jornalismo ambiental como ponte entre saberes, reforçando o entendimento de Angelo (2024) de que, diante do negacionismo climático, o jornalismo deve atuar de modo didático e comprometido com o interesse coletivo.

Essa triangulação de fontes (mídia, pesquisa e entrevistas) evidenciou que os alagamentos de Vitória da Conquista não são eventos isolados, mas resultam de dinâmicas históricas e urbanísticas agravadas pelas mudanças climáticas e pela desigualdade socioespacial.

Portanto, a etapa concretizou a ideia de Meditsch (2008) de que o jornalismo, ao articular informações dispersas, produz conhecimento, aproximando o saber científico da experiência comum. Também respondeu à proposta de Loose & Belmonte (2024) de promover uma comunicação empática e participativa dos riscos ambientais, aproximando ciência, jornalismo e comunidade.

Entrevistas e coleta de informações

As entrevistas com Rosalve Marcelino (meteorologista e professor do curso de Geografia da UESB), Daniel Paes (Arquiteto e Urbanismo) e Dalton Longue (engenheiro florestal e professor do curso de Engenharia Florestal da UESB) ocorreram entre 30 de maio e 4 de junho de 2025 e abordaram a relação entre infraestrutura urbana, drenagem e ocupação do solo. Essa diversidade de fontes, que combinou perspectivas técnicas e sociais, reforçou a dimensão interdisciplinar e explicativa do jornalismo ambiental, como defendem Belmonte (2017) e Bueno (2007), ao destacarem que a

cobertura ambiental deve contextualizar as disputas e interesses em torno da natureza.

Tabela 1 - Apuração da equipe

Fonte(s)	Informações buscadas	Repórter(es)
Engenheiro Civil Airison Keoma	Sistemas de drenagens	Letícia Vilasboas
Meteorologista Rosalve Marcelino	Pavimentação; Impermeabilidade do solo	Arthur Vitor, Sofia Rezende e Pedro Meireles
Arquiteto e Urbanista Daniel Paes	Sistemas de drenagens; Falta de investimentos público; Arborização	Arthur Vitor
Engenheiro Florestal Dalton Lougue	Falta de investimentos e de fiscalização do poder público; Pavimentação; Impermeabilidade do solo; Arborização	Sofia Rezende, Pedro Meireles e Letícia Vilasboas
Morador do bairro Brasil Enzo Vinhático	Alagamentos no bairro Brasil	Lavínia Marinho
Moradora do Vila América Fernanda Amorim	Afundamento do solo	Pedro Meireles
Moradora do povoado de São Sebastião Rozimeire Souza	Alagamentos nas ruas e casas do povoado de São Sebastião	Arthur Vitor

Fonte: Os Autores.

As dificuldades enfrentadas, como a ausência de retorno da Defesa Civil e de alguns especialistas, foram interpretadas pelos estudantes como parte do aprendizado sobre persistência, ética e mediação com fontes, aspectos essenciais à prática jornalística comprometida com o interesse público e com a compreensão social da realidade, princípios que fundamentam a noção de Genro Filho (2012) de jornalismo enquanto forma de conhecimento. A experiência também ampliou o aprendizado sobre o processo de apuração, pois, mesmo sem a entrevista com os servidores da Defesa Civil, os estudantes conseguiram obter as informações necessárias sobre como acionar o órgão e incorporá-las à reportagem, garantindo a completude e a utilidade pública do conteúdo.

Redação, edição e produtos multimídia

Durante a redação, a equipe organizou o texto em cinco eixos temáticos: contexto histórico e climático; drenagem urbana; impermeabilização do solo; arborização e soluções sustentáveis; e políticas públicas. Esse processo de organização e hierarquização das informações expressa a forma de linguagem jornalística descrita por Genro Filho (2012),

na qual o jornalista articula o singular, o particular e o universal para construir sentido social, transformando fatos dispersos em uma compreensão estruturada da realidade.

As entrevistas realizadas com especialistas e fontes locais foram incorporadas ao longo da redação de modo a sustentar e exemplificar cada um desses eixos temáticos. As falas dos professores Rosalve Marcelino (Geografia), Daniel Paes (Arquitetura e Urbanismo) e Dalton Longue (Engenharia Florestal) foram utilizadas para contextualizar causas e consequências dos alagamentos, que explicaram aspectos como a impermeabilização do solo, a drenagem urbana precária e a falta de planejamento ambiental. Essas contribuições também permitiram aprofundar a análise e diversificar as vozes presentes na reportagem, reforçando o caráter interpretativo e interdisciplinar do jornalismo ambiental.

A professora coordenadora realizou a primeira revisão do texto, fornecendo orientações à técnica de laboratório Karina Costa, que acompanhou e organizou a edição final com o apoio dos estudantes, de modo a garantir clareza, coerência e uniformidade na narrativa. O título da reportagem foi definido conjuntamente entre a docente e a técnica no encerramento desse processo.

Foram também produzidos materiais complementares: um infográfico com os termos técnicos deslizamento, enxurrada, inundação e alagamento; um tópico de serviço sobre “*Como acionar a Defesa Civil*”, e uma tabela interativa no *Infogram* com dados referentes ao período de 1995 a 2023. Além disso, a equipe desenvolveu conteúdos de divulgação para o *Instagram* e para o *WhatsApp*, sob responsabilidade da técnica e com supervisão da professora coordenadora, visando ampliar o alcance da reportagem e promover o engajamento público.

A reportagem foi publicada no site *Avoador* em 1º de julho de 2025, alcançando três mil visualizações e 61 curtidas no *Instagram* (**Figura 1**). Embora os números sejam modestos, os estudantes interpretaram o resultado como evidência da baixa visibilidade da pauta ambiental local e da necessidade de fortalecer a educação midiática ambiental, conforme defendem Loose & Belmonte (2024) e Angelo (2024). Essa percepção também reforça a concepção de Nascimento & Leão (2017) de que o jornalismo deve assumir uma postura propositiva e transformadora, comprometida com o interesse público e com a justiça ambiental.

Letramento Ambiental, Atibaia, 3 (2): 950-968, 2025

Figura 1 – Reportagem publicada no site Avoador



Fonte: Marinho et al. (2025).

Considerações finais

A experiência descrita confirma, na prática, os fundamentos teóricos do jornalismo como forma de conhecimento. A equipe vivenciou, na rotina de apuração e produção da reportagem, o processo de transformação dos fatos singulares, as chuvas e prejuízos locais, em uma compreensão particular, que revelou a insuficiência estrutural da drenagem urbana, e, por fim, universal, ao relacionar essas ocorrências aos efeitos das mudanças climáticas e às desigualdades socioambientais. Essa dinâmica, conforme Genro Filho (2012), demonstra o caráter cognitivo do jornalismo, que articula o real para produzir sentidos coletivos e explicativos.

A prática também concretizou a concepção de Genro Filho (2012) e Meditsch (2008), segundo a qual o jornalismo é uma forma social de conhecimento, uma atividade capaz de produzir interpretações sobre o mundo a partir da observação e da mediação cotidiana dos acontecimentos. Da mesma forma, dialogou com as perspectivas de Belmonte (2017); Bueno (2007) e Nascimento & Leão (2017), ao reafirmar que o jornalismo ambiental

deve ser engajado, crítico e formativo, comprometido com a investigação, a contextualização e a transformação social.

A compreensão do jornalismo como forma de conhecimento social, a partir das dimensões do singular, do particular e do universal, se traduz em um conteúdo capaz de promover uma provocação crítica e interpretativa diante das transformações do mundo contemporâneo. Em tempos de crise ambiental e avanço das mudanças climáticas, essa abordagem torna-se ainda mais necessária.

O jornalismo ambiental, nessa perspectiva, ultrapassa a lógica descritiva dos eventos e desvela as dinâmicas ecológicas, sociais e políticas que moldam a realidade. Trata-se de uma especialização que exige apuração rigorosa, análise contextual e compromisso ético com a sustentabilidade e a justiça ambiental, como apontam Bueno (2007), Belmonte (2017) e Girardi et al. (2012). Essa postura também se relaciona ao que Loose e Belmonte (2024) e Angelo (2024) observam sobre o papel contemporâneo da comunicação: enfrentar a desinformação climática, promover a empatia e a educação ambiental e fortalecer o engajamento público nos temas que envolvem o planeta.

Nesse horizonte, o *Programa de Extensão Jornalismo como Forma de Transformação Social*, desenvolvido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UEBS), consolida-se como um espaço de experimentação, aprendizagem e formação cidadã. Por meio da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, o projeto contribui para a produção de conteúdos jornalísticos focados no território do Sudoeste Baiano, especialmente sobre Vitória da Conquista, ao mesmo tempo, que promove letramento digital e educação midiática.

A realização da reportagem ambiental no âmbito do programa extrapola o exercício técnico da prática jornalística: ela representou uma oportunidade concreta de aprendizagem, na qual os estudantes puderam aplicar os fundamentos do jornalismo investigativo e ambiental em um contexto real e de interesse coletivo. Ao abordar um tema recorrente e relevante para o município, a atividade contribuiu para o debate público local, estimulando reflexões sobre os impactos ambientais, a responsabilidade dos agentes públicos e o direito à informação contextualizada.

Também foram identificadas limitações e desafios, como as dificuldades de acesso a fontes e do cumprimento do planejamento da apuração, que apontam a necessidade de aperfeiçoar as ações futuras do projeto. No entanto, o conjunto da experiência evidencia que o jornalismo desenvolvido na universidade pública é uma ferramenta concreta de produção de conhecimento e transformação social, capaz de articular teoria, prática e compromisso ético com o meio ambiente e com a cidadania.

Referências

ANGELO, Cláudio (2023). “Desafios do jornalismo na era do negacionismo climático”, *Educação Pública – Divulgação Científica e Ensino de Ciências*, v. 3, n. 3, nov. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/divulgacao-cientifica/index.php/educacaopublica/article/view/246>
Acesso em: 10/10/2025.

ANJOS, Anna Beatriz (2024). “No Brasil, 3 a cada 4 vivem em municípios com mais risco de desastres causados por chuvas”, *Agência Pública*, 17 mai. Disponível em : <https://apublica.org/2024/05/no-brasil-3-a-cada-4-vivem-em-municipios-com-mais-risco-de-desastres-causados-por-chuvas/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

AMARAL, Victória; SANTOS, Rebeca Oliveira & CARVALHO, Carmen Regina de Oliveira (2023). “Jornalismo guiados por dados no combate à desinformação no site Avoador”. In: INTERCOM CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 23., Campina Grande, 20-22 jun. 2023. *Anais. Campina Grande: Intercom, 1998*. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/6/05252023195508646fe74c23a52.pdf>
Acesso em: 15/10/2025.

BELMONTE, Roberto Villar (2017). “Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro”, *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 6, n. 2: 110-125. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>
Acesso em: 27/07/2025.

BUENO, Wilson da Costa (2007). “Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito”, *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 15: 33-44. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897>
Acesso em: 27/07/2025.

CANON, Carolina Andréa Soto & PELEGRINELLI, G. (2019). “Extensão universitária: o impacto de um projeto de extensão na formação profissional dos discentes na educação superior”, *Revista UFG*, Goiânia, v. 19. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/59799>
Acesso em: 19/02/2025.

CARVALHO, Carmen Regina de Oliveira (2018). “O jornalismo como modalidade de conhecimento centrada no singular”. In: *Miradas Jóvenes, pensamiento crítico. La investigación de la comunicación en América Latina*.

ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación y FIC-UdelaR - Facultad de Información y Comunicación - Universidad de la República del Uruguay. Montevideu. Disponível em:

<https://www.alaic.org/wp-content/uploads/2022/03/Libro-Escuela-de-Verano-ALAIC-2018-1-1.pdf>

Acesso em: 30/07/2025.

_____. (2021). “Jornalismo na internet: interatividade na prática jornalística dos veículos Folha de S. Paulo (Brasil) e El País (Espanha)”. *Tese de Doutorado Universidade de Santiago de Compostela* (Espanha). Disponível em:

<https://minerva.usc.es/entities/publication/60abd9b4-ca40-41e1-a7a6-792c92137a2b>

Acesso em: 30/07/2025.

_____. (2021). “Site Avoador e a experiência de cobertura da Covid-19 na região Sudoeste da Bahia”, *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (Rebej)*. Curitiba. Disponível em:

<https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/428>

Acesso em: 30/07/2025.

CARVALHO, Carmen Regina de Oliveira; SILVA, Arthur Vitor França; PIRES, João Vitor Barbosa; SILVA, Kamille Cardoso; GOMES, Kássia Rafaella Leite & SANTOS, Rian Borges dos (1998). “Site Avoador: a experiência simultânea do ensino e da extensão em Jornalismo”, *CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 25., Fortaleza, 26-26 jun. Anais. Fortaleza, INTERCOM. Disponível em:

<https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/19/3893/05052025233736681975f034c09.pdf>

Acesso: 15/10/2025.

CÓRDULA, E.B.L. & NASCIMENTO, G.C.C. “A produção do conhecimento na construção do saber sociocultural e científico”, *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 18: 1-10. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/12/a-produo-do-conhecimento-na-construo-do-saber-sociocultural-e-cientifico>.

Acesso em: 30/07/2025.

GENRO FILHO, Adelmo (2012). *O segredo da Pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis, Editora Insular.

GIRARDI, Ilza et al. (2012). “**Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental**”, *Comunicação & Sociedade*, v. 34, n. 1: 132-152. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/CSO/article/view/2972>

Acesso em: 27/07/2025.

FERREIRA, M.S.; COSTA, R.M. de B. (2021). “Práticas de extensão no ensino de Jornalismo: a experiência com a revista ‘Das Antigas’”, *Revista em Extensão*, Uberlândia, ed. 1, ano 20: 205-217, 29 mar. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/57736>
Acesso em: 15/02/2025.

LOOSE, Eloisa Beling & CAMANA, Ângela (2015). “Reflexões sobre o papel do Jornalismo Ambiental diante dos riscos da sociedade contemporânea”, *Observatório*, v. 9, n. 2: 119-132. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/797>
Acesso em: 27/07/2025.

LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Ângela & BELMONTE, Roberto Villar (2023). “O ativismo no jornalismo ambiental: como quatro momentos-chave ajudaram a configurar uma prática engajada no Brasil”, *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 19, n. 3, dez.

MARINHO, Lavínia; VILASBOAS, Letícia Vilasboas; MEIRELES, Pedro; RESENDE, Sofia; COSTA, Karina & CARVALHO, Carmen (2025). “Sem solução à vista: população de Conquista enfrenta há décadas os impactos das chuvas”, *Site Avoador*, 1º jul.. Disponível em: <https://avoador.com.br/pagina-central/sem-solucao-a-vista-populacao-de-conquista-enfrenta-ha-decadas-os-impactos-das-chuvas/>
Acesso em: 10/09/2025.

MEDISTCH, Eduardo (2008). “O Jornalismo é uma forma de conhecimento?”. In: SOUSA, Jorge Pedro. *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa – perspectivas luso-brasileiras*. Porto Edições UFP: 7-12.

SITE AVOADOR (2025). “Cobertura das eleições 2018”. Disponível em: <https://avoador.com.br/tag/eleicoes-2018/>. Acesso em: 15/07/2025.

____ (2025). “Cobertura das eleições 2020”. Disponível em: <https://avoador.com.br/tag/eleicoes-vitoriadaconquista-eleicoes2020-eleicoesmunicipais/>. Acesso em: 15/06/2025.

Sobre os autores

Carmen Regina de Oliveira Carvalho é Professora do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista, desde 2003, o qual foi coordenadora entre 2005 e 2007, tendo retornado ao cargo em 2023, onde segue até os dias atuais. Foi vice coordenadora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) entre 2020 e 2022. Há seis anos é a coordenadora do Programa Contínuo de Extensão Jornalismo de Transformação Social no Combate à Desinformação,

que produz conteúdo jornalístico (reportagens aprofundadas, notícias diárias, coberturas ao vivo), verificação de conteúdo duvidoso na editoria de *Checagem Xereta* (a primeira implementada no interior baiano), realiza cursos de Educação Midiática nas escolas municipais e estaduais e treinamentos de formação de *Checadores*. Idealizadora e coordenadora do maior evento de Jornalismo do interior do estado, *Semana Jornalismo Importa*, que em 2024 chegou a sua quinta edição. Coordenadora do Laboratório de Jornalismo. Coordenadora do Núcleo de Extensão e Pesquisa “*Jornalismo Importa*”, que busca investigar o jornalismo local, o gênero no jornalismo e estratégias de identificar e combater a desinformação no interior. É responsável pela Comunicação do PET Equidade 2024 - UESB/UFBA e é professora conteudista e assessora de Mídias do Centro de Educação à Distância (CEAD/UESB). Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Roraima (1997), mestrado em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003) e doutorado em Comunicação e Informação Contemporânea pela Universidade de Santiago de Compostela (2021).

Karina Costa Andrade é Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Sócia e diretora do *Instituto Conquista Repórter de Comunicação e Cultura*. Repórter freelancer com experiência na produção de reportagens multimídia, podcasts e checagem de fatos (fact-checking).

Arthur Vitor França Silva é Graduando em Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Técnico Agrícola com Habilitação em Agropecuária pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano). Auxiliar Administrativo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Integra a equipe do Programa de Extensão Jornalismo como Forma de Transformação Social no Combate à Desinformação, na modalidade voluntário.

Rian Borges dos Santos é Graduando em Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Integra a equipe do Programa de Extensão Jornalismo como Forma de Transformação Social no Combate à Desinformação, na modalidade de bolsista.